XVI ENANCIB 2015
Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes
26 a 30 de outubro - João Pessoa - PB

XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação **(XVI ENANCIB)**
ISSN 2177-3688

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação
Comunicação Oral

O MUSEU DO MEIO AMBIENTE NA DISCUSSÃO DA GÊNESIS DE SEBASTIÃO SALGADO[1]

THE ENVIRONMENT MUSEUM DISCUSS THE GÊNESIS OF SEBASTIÃO SALGADO

Luisa Maria Gomes de Mattos Rocha, UNIRIO
luisa.rocha@yahoo.com.br

Carmen Silvia Machado, UNIRIO
carmen@jbrj.gov.br

Resumo: O objetivo do presente trabalho foi refletir acerca do programa museológico do Museu do Meio Ambiente, a partir do projeto expositivo denominado "Gênesis"**.** O Museu do Meio Ambiente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro é um espaço dedicado ao diálogo entre a sociedade e o ambiente que, com criatividade e inovação, procura identificar demandas e necessidades de seus espectadores. A exposição Gênesis do fotógrafo Sebastião Salgado apresentada no Museu, em junho de 2013, levou ao público imagens dos recantos mais distantes do planeta na expectativa de divulgar as múltiplas relações e formas de vida que se articulam, revelando, em cada clique, nuances do passado, as mudanças do presente e as novas tendências do futuro. Olhar para estas três dimensões na fotografia do projeto Gênesis constituiu um dos objetivos específicos deste trabalho, cuja metodologia utilizada foi a análise das suas imagens visando buscar indícios que evidenciassem uma estratégia das ações de divulgação científica para a questão ambiental. A análise das imagens leva a considerar os sentidos e significados que os públicos constróem ao reconhecer potenciais mudanças ambientais e ao questionar sua atuação no mundo, sua interferência nesse tão frágil sistema ambiental.

Palavras-chave: Museu. Meio ambiente. Fotografia. Sebastião Salgado. Divulgação científica**.**

Abstract: The aim of this article was to reflect on the museological program of the Museum of the Environment, from the exhibition project called "Genesis". The Environment Museum of Rio de Janeiro Botanical Garden is a space dedicated to the dialogue between society and environment which, with creativity and innovation, seeks to identify demands and needs of its viewers. The Gênesis exhibit of the photographer Sebastiao Salgado presented at the Museum, in june 2013, led to the public images from the farthest corners of the planet hoping to spread the multiple relationships and ways of

[1] O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

life that are articulated, revealing in each click, nuances of the past, changes at the presente and new trends of the future. Look at these three dimensions in Genesis photography was one of the specific objectives of this study whose methodology was the analysis of your images aimed at seeking denotation that provided evidence of strategy of science communication actions on environmental issues. Image analysis leads to consider the meanings and senses that public build when recognize potential environmental changes and question its operations in the world, its interference in this very fragile environmental system.

Keywords: Museum. Environment. Sebastião Salgado. Photography. Science communication.

1 INTRODUÇÃO

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro é uma instituição científica voltada à pesquisa e à conservação da flora. Desde 2008, agrega aos seus objetivos o estudo da relação homem e meio ambiente, motivo pelo qual foi criado o Museu do Meio Ambiente. Este coloca em discussão os problemas socioambientais por diferentes perspectivas e públicos, por meio de uma reflexão crítica e pela construção conjunta de conhecimentos, levando informação e formação de opinião pública qualificada e consciente dos problemas ambientais atuais.

O Programa de Divulgação Científica do Museu do Meio Ambiente busca o diálogo, com criatividade e inovação, nas ações direcionadas à sociedade, procurando identificar demandas e necessidades de seus públicos. Pretende-se ainda estimular o senso crítico do indivíduo frente aos processos de gestão pública dos recursos e serviços ambientais, principalmente pela importância e complexidade da gestão do patrimônio ambiental para as futuras gerações.

A perspectiva de proporcionar um debate contemporâneo no museu confere a essa instituição um caráter diferenciado, atual e desafiador, que transforma o espaço público convencional em um fórum de discussão, no qual diferentes olhares sobre questões ambientais que permeiam o cotidiano de cada indivíduo tornam-se objeto de preocupação de todos, e se expressam através de significados, usos e ações oriundos tanto do campo de experiências quanto das perspectivas de futuro de cada individuo à luz de nosso presente comum.

O objetivo deste trabalho é refletir acerca do programa museológico do Museu do Meio Ambiente, a partir do projeto expositivo denominado “Gênesis”. Iniciativa do fotógrafo Sebastião Salgado, baseia-se no resultado de uma jornada empreendida pelo autor a cantos remotos e pouco explorados do globo e que, pelo contraste nos diferentes regimes de vida, ressaltam as radicais mudanças ambientais que impactam a paisagem natural.

O Programa congrega um conjunto de projetos e ações institucionais estruturados a partir de linhas diretivas que articulam e conferem consistência conceitual e metodológica aos

diferentes setores e atividades do Museu. Diante da complexidade atual dos museus, a coerência e unidade dos programas ao lado da especificidade e particularidade das atividades propostas representam a possibilidade de instaurar um campo aberto para o exercício da criatividade e inovação na articulação das múltiplas relações e formas de vida, capazes de plasmar o conceito de meio ambiente refletindo a dinâmica de tempo e espaço da representação fotográfica que revela, ao mesmo tempo, as nuances do passado, as mudanças do presente e as novas tendências de futuro, como já mencionado.

Olhar para estas três dimensões na fotografia do projeto Gênesis de Sebastião Salgado constitui um dos nossos objetivos específicos neste trabalho, além da análise das suas imagens de forma a buscar indícios que evidenciam uma estratégia específica das ações de divulgação científica para a questão ambiental.

2 A FOTOGRAFIA DE SEBASTIÃO SALGADO E O PROJETO GÊNESIS

> Afinal você fotografa com tudo o que você é. Venho de um país subdesenvolvido onde os problemas sociais são muito intensos. E assim torna-se inevitável que as minhas fotos reflitam isso. […] Creio que exista uma forma latino-americana de se ver o mundo. É algo que não se pode ensinar, porque simplesmente faz parte de você (SALGADO apud COTT, 1991, p. 619/620)

Em entrevista a Audrey Singer (2010), Sebastião Salgado atribui à sua origem brasileira o trabalho com as temáticas sociais como nas séries Exodos, Migrações e Terra. Esta marca identitária também pode ser vista no projeto Gênesis, uma vez que as questões ambientais são também, ou eminentemente, de caráter social. (SALGADO, 2013, p. 13)

Perceber e fotografar o mundo a partir de seu olhar latino-americano gerou a necessidade de compreender os sujeitos retratados. Mais do que isso, na sua visão a fotografia-documento demanda "a densidade da experiência da integração do fotógrafo ao contexto do que esteja documentando" (SALGADO apud MALLETT, 1998, p. 77).

Por isso mesmo, Salgado denomina o seu processo de "Fenômeno Fotográfico" e o descreve como "a integração do fotógrafo ao sujeito de sua fotografia" de tal forma que a foto é "a relação que você tem com o seu sujeito". Assim, a estética da foto-documento advém da relação entre o que se pode estabelecer com os sujeitos e o conhecimento adquirido sobre a sua situação (MRAZ, 2003*, online*).

Na introdução do livro Gênesis, Salgado relata a experiência de transformação vivida tanto no plano pessoal quanto no projeto profissional. Inicialmente, a concepção de Gênesis estava voltada para protestar sobre "o modo como estamos maltratando nosso planeta" por

meio de imagens que evidenciassem o preço pago pelo desenvolvimento como a poluição da água, do ar e da terra. O reflorestamento da propriedade da sua família no Brasil e a criação no local de um parque nacional trouxe "esperança" para o fotógrafo, o que se refletiu na sua nova missão profissional: "explorar a beleza no nosso planeta" através de paisagens terrestres e marinhas que escaparam da ação destrutiva do ser humano (SALGADO, 2013, p. 6).

Um dos seus principais objetivos foi retratar "como a humanidade e a natureza têm coexistido ao longo dos tempos naquilo que agora chamamos de equilíbrio ecológico". Apesar de perseguir o sonho romântico desta relação num "mundo primitivo", no qual a natureza estivesse no seu auge, Salgado afirma que Gênesis evidencia a grandeza e a fragilidade da terra, o que acarreta em "um aviso, espero, acerca de tudo o que nos arriscamos a perder". (SALGADO, 2013, p. 7).

Gênesis, o resultado de uma expedição de oito anos para descobrir as montanhas, desertos e oceanos, os animais e povos que escaparam, até agora, à marca da sociedade moderna, constitui, na visão de Rudel (2011), o seu envolvimento com as questões socioambientais não apenas como fotógrafo, mas como alguém compromissado em defender e viver as orientações políticas e filosóficas que professa.

2.1 A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NAS IMAGENS DA GÊNESIS

A marca da intencionalidade da Sebastião Salgado naquilo que deseja expressar e verbalizar nas fotos impõe-se não somente na precisão de seu foco, mas, sobretudo, na gama de tonalidades entre o preto e o branco e na luz impressa pelos cinzas espelhados. Isto confere a imagem o atributo de capturar o observador por mais alguns minutos para que este possa empreender a sua leitura do que está ali representado, e continuar reelaborando outra e mais outras leituras possíveis para a mesma imagem, agora tangenciando os limites entre a representação e o símbolo.

Neste jogo, luzes e sombras definem paisagens, ao tempo em que propõem matizes e tessituras características de uma estética do nosso tempo presente, ainda que as pessoas retratadas estejam "o mais próximo possível do seu estilo de vida ancestral" (SALGADO, 2013, p. 8).

Se, muitas vezes na exposição, somos transportados para um tempo e lugar muito distantes de um presente controverso e complexo nas suas relações com o meio ambiente, somos também, arrebatados por uma linguagem visual própria e contemporânea, que se utiliza justamente do jogo de luzes e sombras e dos diferentes matizes produzidos, para possibilitar

uma infinidade de resignificações que oscilam entre variadas expressões estéticas até a representação. Esta é um documento de realidades socioambientais com potencial para instigar o público no engajamento político e filosófico da dicussão ambiental. A gama de variações precisa ser desvelada e resignificada pela sensibilidade e interpretação dos públicos.

A exposição Gênesis tem na imagem sua expressividade e seu discurso. Por sua natureza ambígua e polissêmica, esta aposta tanto nas qualidades formais e na variabilidade de significados possíveis que a mesma pode assumir frente aos diferentes intérpretes, quanto no compromisso político e filosófico de sua fotografia documental fundamentalmente ancorado nas questões sociais contemporâneas que desafiam no presente a continuidade da vida humana.

Assim, a exposição oscila entre o registro de situações particulares, portanto, de característica documental e informacional, e a construção de símbolos, a qual a expressividade transcende e transforma tais situações particulares em declarações. Neste sentido, algumas fotografias, imagens que mesclam informação e expressão, documento e símbolo, se articulam de tal forma que criam a metáfora apontada por Mraz (2002, p. 22): "uma imagem que retém a particularidade de seu referente, mas, ao mesmo tempo, garante uma verdade mais ampla que transcende o contexto imediato".

Do ponto de vista da exposição, a intencionalidade do ato de clicar um momento ou mesmo de selecionar uma imagem não estão expressos nos textos, ficando evidente a perda do relato desta experiência. As etiquetas com a informação do lugar, ano e a identificação do sujeito (pessoa, animal e paisagem) retratado, também fica aquém de um conteúdo informacional, sobretudo, acerca desta grande viagem exploratória.

Por sua natureza ambígua, compreende-se que o significado de uma imagem tem forte influência do contexto expositivo como o design, o circuito, a organização das imagens, os títulos, os textos e legendas das fotos, o público e o conjunto de significados acumulados dessas próprias imagens. Nesta direção, a ausência ou predominância de textos escritos determina o lugar em que o sujeito apoia referencialmente os significados atribuídos. Na exposição, a organização das imagens se estabelece em áreas temáticas por localização geográfica, o design reforça os diferentes conjuntos com cores nos painéis escolhidas para valorizar as imagens. Os conteúdos textuais são minimizados para que a expressividade das imagens assuma o protagonismo na interpretação, tanto sob o aspecto estético quanto documental. A força de uma fotografia-documento engajada politicamente nas questões sociais atuais transita no conjunto da estética das imagens das obras do fotógrafo, trazendo um olhar contemporâneo mais amplo e multifocal sobre as múltiplas dimensões da sua temática:

as questões socioambientais (MRAZ, 2002). Como afirma o fotógrafo:

> O que eu quero é que o mundo lembre os problemas e as pessoas que eu fotografo. O que eu quero é criar uma discussão sobre o que está acontecendo ao redor do mundo e provocar algum debate com estas imagens. Nada mais do que isso. Eu não quero que as pessoas olhem para elas e apreciem a luz e a paleta de tons (SALGADO apud GOLD, 2011, p. 421)

Em uma discussão estabelecida por correspondência entre o editor de fotografia John G. Morris (2003) e o John Mraz (2003), pesquisador e autor do artigo "*What's documentary about photography?: from directed to digital photojournalism*", o primeiro alega que os fotógrafos, como Sebastião Salgado, não estão preocupados com a realidade, mas em "dirigir a história" e, neste caso, compreende-se a sua proximidade com a fotografia digital em que a realidade pode ser "consertada". Para Mraz (2003), o fotógrafo está sim preocupado com a "realidade" e com a fotografia documental na medida em que busca como referência o mundo. Essa discussão de fato insere-se na contraposição entre fotografia-documento e fotografia-expressão. No entanto, ao trabalhar com a fotografia documental contemporânea, compreende-se que Sebastião Salgado atua no campo expressivo-artístico e documental. Lida com o "real" sem se preocupar com uma "verdade visual" permitindo trazer tantos aspectos materiais quanto imateriais para sua composição fotográfica. Assim, Salgado busca "através da expressão subjetiva, criar conceitos e ideias que não se materializam enquanto fato ou ação, mas pertencem igualmente à construção da realidade, mesmo que do imaginário, de um evento ou acontecimento" (MAIA, 2013, p. 14). Tal proposta possibilita reconhecer tanto a expressão artística quanto o gênero documental dentro do que o proprio Mraz (2003) denomina uma "cultura visual moderna".

3 O PROGRAMA DO MUSEU DO MEIO AMBIENTE E A EXPOSIÇÃO GÊNESIS

> A sustentabilidade é o grande desafio do século XXI e, para a alcançar devemos começar pela maneira como vemos o mundo, como pensamos acerca dele, como atuamos em relação a ele.
>
> Irina Bokova (2013, p. 13)

A epígrafe acima evidencia o desafio do século XXI e tornou-se o objetivo que sustenta todo o trabalho da pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) no âmbito da Educação. Ao mesmo tempo, no livro Gênesis revela de forma única um entrelace de conceitos que são trabalhados por Sebastião Salgado e que

devemos perseguir nos programas dos museus acerca das questões socioambientais: ver, pensar e atuar no mundo.

Na perspectiva de Saskia Sassen (2011), a fotografia de Salgado apresenta um caráter heurístico, pois produz conhecimento para além do conteúdo visual capturado. Sua fotografia promove a articulação entre a particularidade do evento local com um processo maior que ilumina dinâmicas fundamentais que ocorrem na atualidade e que apontam para um conjunto de valores humanos.

De fato, Sebastião Salgado consegue capturar o que ainda não é completamente reconhecido, ampliando como vemos o mundo, trazendo outras formas da relação homem-natureza e permitindo pensarmos a nossa relação presente trazendo um passado ainda vivo para dialogar com nossas expectativas de futuro de forma a conformar novas formas de atuar no mundo.

Do ponto de vista do Museu do Meio Ambiente, não importa discutir o quanto este, por meio da exposição, produz e afirma uma visão romântica de um passado ou mesmo a ordem temporal estabelecida, posto que se tem um presente que tende a se distanciar e romper com o passado, ao tempo em que invade o futuro trazendo a expectativa de destruição e perdas ambientais para uma sociedade que se vê sem ação frente a velocidade das transformações das informações, das propostas e das soluções em ciência e tecnologia para as proliferantes questões ambientais.

Assim, importa aqui reconhecer o Museu como um aparato ideológico do Estado, com funções legitimadoras capazes de proporcionar diferentes leituras e usos da cultura, diferentes perspectivas e caminhos que encontram a luz do presente em um ”passado” e um “futuro”, subsídios para novas formas de viver nossas relações com o planeta.

Como analisa Kosseleck (2006, p. 308-313), cada presente reconstrói o passado a partir das suas questões, de forma que ressignifica tanto o passado quanto o futuro. Por isso mesmo, cada presente estabelece uma nova forma de relação entre passado e futuro, entrelaçando-os através das categorias históricas da “experiência” e “expectativa”. Cada sociedade modifica a maneira como são pensadas e sentidas as relações entre passado, presente e futuro. Por isto mesmo, a cada segundo, a cada novo presente, o espaço de experiência se transforma. Novas esperanças retroagem, novas expectativas abrem brechas e repercutem nelas.

E aqui cabe mecionar a função questionadora dos museus acerca dos processos de patrimonialização, tornando-se também um instrumento no presente de negociação e articulação de uma nova relação com passado e futuro, uma vez que precisamos lidar com a

nossa própria transitoriedade.

Nesta linha de abordagem, o Programa Educativo do Museu desenvolveu duas atividades vinculadas à exposição intutuladas Câmera Monstro e Câmera Montante[2]. Com a primeira, o objetivo era demonstrar o funcionamento de uma câmara escura, o que colocaria em discussão o funcionamento da câmera fotográfica, na qual o participante poderia descrever o que vê através deste artefato, percebendo que as imagens se mostram invertidas. Indo além, o visitante compreenderia que a imagem que se vê, no presente, de fato se forma por trás da retina e de forma invertida. Dessa forma, ele teria que descrever como seria sua participação no mundo a partir desta nova "realidade", como "se o participante tivesse passado por uma mutação repentina" e desta forma, seria "necessário ativar o seu corpo e suas faculdades perceptivas a fim de reconstruir a experiência com o espaço" (LIMA, 2013). E a Câmera Montante, com um direcionamento diferente, o assunto abordado foi a obsolescência e resíduos, trazendo à discussão a produção de lixo e o consumismo. A abordagem se dava demonstrativamente considerando-se o gasto com material fotográfico e o registro do ambiente proporcionando futuras comparações. Esta fala se dava dentro de uma "câmara escura do tamanho de uma Mamute, câmera primitiva para grandes formatos" (LIMA, 2013).

Estas atividades foram importantes para que os visitantes do Museu pudessem entender o funcionamento do processo fotográfico e do uso da fotografia na representação de ambientes que se modificaram ao longo do tempo, marcando as diferentes paisagens que se formam a partir de interferências no ambiente.

3.1 AS FORMAS DE CONCEBER E VIVER O MEIO AMBIENTE

> "O caso do meio ambiente é singular em sendo virtual: ele pertence aos vivos atuais, mas tem seu sentido de patrimônio ao olhar aqueles que virão após eles" (DAVALLON et al, 1992, p.71-72, trad. nossa).

Na visão de Lucie Sauvé (2003, p. 4), trabalhar o patrimônio meio ambiente nos museus envolveria mapear uma rede de relações a partir de um conjunto de realidades complementares: a natureza (apreciada, respeitada e preservada), os recursos naturais (administrados e compartilhados), os problemas (resolvidos) e o sistema de relações (para a tomada de decisão) com vistas à criação de um projeto ético-comunitário com o qual possamos nos comprometer. Este patrimônio, então, passa a ser visto como uma construção social, um processo de legitimação histórica baseado numa síntese simbólica de valores

[2] Estas atividades foram criadas pelo Museu do Meio Ambiente e a empresa Sapoti Projetos Culturais que desenvolveu por três anos as atividades educativas do Museu.

oriundos do campo social que contribuem para um sentido de pertencimento e de identificação de um coletivo social.

O patrimônio ambiental é compreendido por Davallon et al. (1992, p. 69-70) como um projeto universalista do patrimônio "meio ambiente" constituído a partir de dois movimentos complementares: o deslocamento do olhar do objeto-patrimônio para o projeto-patrimônio e do status do conhecimento sobre o patrimônio para o conhecimento como patrimônio. No primeiro, o patrimônio se define como "patrimônio em projeto", quando o processual ganha juridicamente o status de patrimônio na medida em que são potências na marcha do devir. No segundo, o conhecimento de um coletivo adquire a importância e a categoria de patrimônio por se constituir em parte integrante do "projeto" ou por ser em si caracterizado como tal. Neste caminho, a dimensão jurídica e a dimensão cognitiva asseguram a universalização do patrimônio pelo uso normativo do termo que o define como um conjunto de regras a serem respeitadas.

A especificidade do patrimônio "meio ambiente" é dada pela salvaguarda de uma vida que ainda está por vir, conforme expresso na epígrafe. Assim, a sociedade do presente tem a responsabilidade de refletir sobre a dimensão do patrimônio ambiental que se encontra à nossa disposição, menos em função de nós mesmos e do sentimento de perda, que em função das gerações futuras e do sentimento de continuidade do que ainda resta a ser conservado.

Na atualidade, Eric Dorfmann e Janet Carding (2012, p. 172-173) afirmam que a atribuição de valor para as várias formas de patrimônio é o cerne do princípio norteador da conservação das convenções da UNESCO. Ao analisar o patrimônio natural intangível, os autores evidenciam a importância tanto de um mundo natural a ser conservado quanto de um conhecimento associado que o qualifica e por meio do qual o patrimônio pode ser valorado como projeto de futuro. Mais uma vez, projeto de futuro e conhecimento se associam para pensar o patrimônio meio ambiente.

Na visão dos autores, durante muito tempo, a conservação em torno do mundo natural esteve baseada em valores intrínsecos, ao invés de ter como base as suas relações com os seres humanos. Entretanto, o princípio do patrimônio tem como base a valoração atribuída pelos seres humanos, motivo pelo qual se requer trabalhar as conexões do mundo natural com os fenômenos intangíveis das inter-relações humanas. Estas interações, compreendidas sob o ponto de vista dos marcos legais e do desenvolvimento sustentável, asseguram um mundo natural para as futuras gerações, no qual a dimensão humana estaria incluída como elemento integral do patrimônio natural intangível, "sem a qual seria difícil avaliar se um fenômeno é ou não digno de preservação". É esta noção de valor que permite desenvolver um critério de

conservação, uma vez que para diferentes autores o valor da natureza é em si um fenômeno cultural.

As temáticas ambientais entraram nos museus de história natural em consonância com as transformações das disciplinas científicas relacionadas à natureza. Contudo, o olhar das ciências naturais não contemplava a complexidade das questões ambientais, motivo pelo qual Fortin-Debart (2003) afirma que os museus devem ir além desta abordagem para integrar um olhar sociocêntrico do meio ambiente. Neste, a dificuldade reside em como "abrir a ciência às preocupações sociais, éticas, políticas". Na perspectiva de Sauvé (1997) e de Fortin-Debart (2003) para se trabalhar nos museus com uma formação em meio ambiente que aportem conhecimento e competência científica, técnica e metodológica, necessariamente este deverá estar integrado "às dimensões éticas e sociais do meio ambiente, ou seja, à capacidade de reflexão que permita clarificar os valores subjacentes a qualquer escolha da estratégia ambiental" (CROIZIER; GOFFIN, 1998-1999, trad. nossa).

No museu, o fosso entre presente e futuro envolve conhecimento, gestão e mediação de um meio ambiente pensado como patrimônio. Envolve explorar o paradoxo entre a visibilidade de certos objetos (as coisas da natureza) e a invisibilidade dos processos desde a poluição do ar incluindo aqueles relacionados à apreensão e compreensão requeridas pela ciência e tecnologia, como a própria biotecnologia. Assim, o patrimônio meio ambiente é uma operação de ciência, (e) tecnologia e de gestão na medida em que este não existe fora do conhecimento e da avaliação do estado dos recursos naturais e dos processos invisíveis (DAVALLON et al. 1992, p. 74, trad. nossa). Assim, nessas condições, trata-se menos do conhecimento como forma de domínio da natureza, característico do modelo ocidental, do que como a construção, pelos sujeitos sociais, de um novo relacionamento homem-natureza que reporta à abordagem técnica e simbólica do meio ambiente como patrimônio (DAVALLON et al. 1992, p. 74, trad. nossa).

Na perspectiva de Yves Girault e Cécile Debart (2001, p. 148), o museu não deve ser exclusivamente orientado para uma política de transferência de conhecimentos, mas para agir como um espaço público local, apresentando controvérsias, considerando o meio ambiente como uma preocupação social, caracterizado pelo conflito de usos e representações.

As diferentes representações sociais éticas acerca do meio ambiente tem seu reflexo nos discursos e práticas dos museus. Conforme elencado por Lucie Sauvé (1997, trad. nossa), o meio ambiente visto como a natureza evoca os seus aspectos "originais" ou "intocados" para ser apreciado, experimentado, respeitado e preservado, do qual estamos dissociados e no qual devemos "aprender a se relacionar para enriquecer a qualidade de 'ser'". Esta

representação encontra-se presente em algumas imagens de Sebastião Salgado.

Os discursos patrimonialistas inserem-se numa visão do meio ambiente como recurso biofísico relacionado à nossa qualidade de vida. Motivo pelo qual propõe uma gestão patrimonial, característica das unidades de conservação, assegurando os recursos para a geração atual e para as futuras gerações.

O meio ambiente visto como um problema para ser resolvido em função dos impactos gerados e da consequente perda da qualidade no suporte a vida demanda processos de identificação, diagnóstico, análise, planejamento e solução, num claro enfoque pragmático que tanto pode resultar em abordagens de gestão patrimonial quanto em medidas de mitigação de danos ambientais. Na atualidade, os museus abordam essa temática através de fóruns e debates que reunem os cidadãos em torno de um problema especial "para identificar elementos de consenso que possam conduzir à elaboração e à implementação de soluções adequadas". O meio ambiente visto como um lugar para se viver, o nosso ambiente caracterizado pelos seres humanos nos seus aspectos socioculturais, propicia ações que envolvem o senso de pertencimento ao local que habitamos. A valorização da cidade, dos espaços e das pessoas com quem convivemos torna-se objeto de trabalho. O meio ambiente, visto como a biosfera, remete a uma consciência planetária, na qual se explora as múltiplas dimensões do mundo, valorizando as cosmologias e a profunda ligação do ser humano com a Terra.

Por fim, o meio ambiente visto como projeto comunitário da coletividade humana envolve a solidariedade, a democracia e a participação e neste sentido, engloba as múltiplas visões e representações mencionadas acima, de forma integrada e complementar na medida em que nos remete a processos de efetiva inclusão social, que no âmbito dos museus tem seu reflexo no que o *International Council of Museums* – ICOM denomina Museu Inclusivo. Este definido por Mairesse (2013, p. 35-51) como um projeto de natureza politica que compreende o museu como um "instrumento a serviço da democracia, a fim de permitir a cada um desempenhar um papel de cidadão no seio da sociedade".

4 ANÁLISE DE ALGUMAS IMAGENS À LUZ DA EXPOSIÇÃO

No trabalho apresentado por Salgado no Museu do Meio Ambiente, nota-se a preocupação do autor em ressaltar costumes, usos e características de povos pouco conhecidos, mas que retratam em seu modo de vida, formas de conviver harmonicamente com o mundo natural.

Assim, este estudo analisou algumas fotografias da exposição Gênesis. As fotos

retratam a natureza, o homem e os animais em harmonia, mesmo quando a presença do fotógrafo parece inevitável.

Ao fotografar os animais, mesmo que à distância, é possível notar a expressão do olhar de uma onça bebendo água (figura 1) que parece pressentir a presença do fotógrafo dando a impressão que olha diretamente para o foco da câmera.

FIGURA 1: Onça-pintada *Panthera onça* – Parque Estadual Encontro das Águas Mato Grosso - Brasil (SALGADO, 2013, apêndice, p. 30)

Fonte: Sebastião Salgado (2013, p. 503)

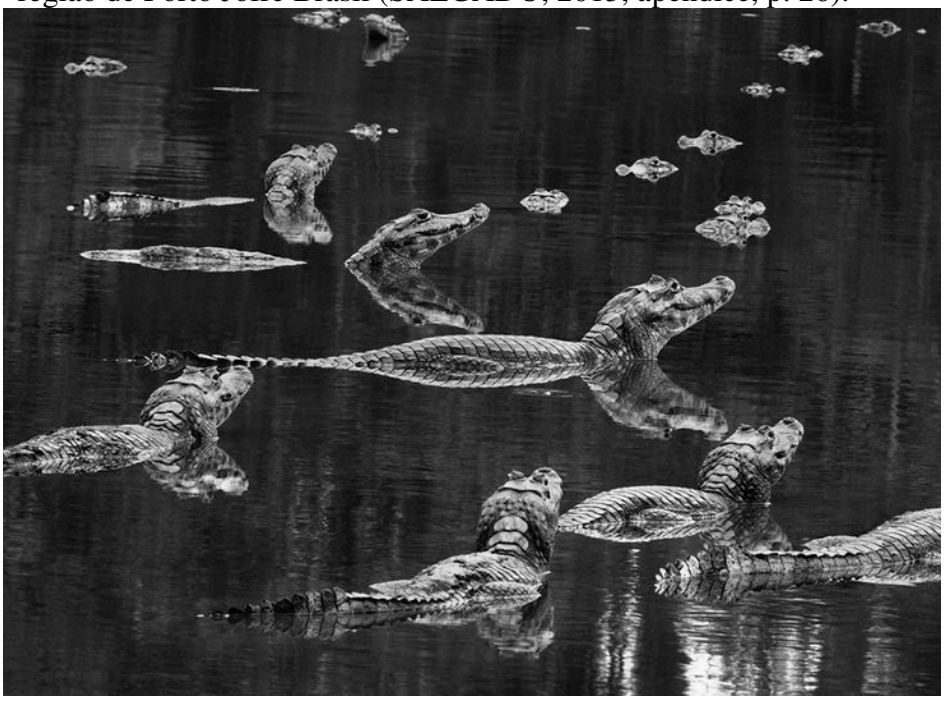
Ao demonstrar sua interferência integrada ao quadro retratado, Salgado chama atenção para os diversos significados presentes, por exemplo, na disposição intencional do vegetal para obter a luz adequada na foto (figura 2). Mas, ele mesmo afirma que não deseja o foco de seu público na cor ou luz impressa na foto. Sua intenção, na verdade, é despertar o olhar crítico, é evidenciar as semelhanças e diferenças no modo de vida de uma tribo distante, na paisagem gelada do Ártico, ou na aridez da África. Confirma assim, a proposta do Museu em inserir seu visitante em um processo de discussão, de participação. A construção do imaginário individual por meio das imagens propostas na exposição.

FIGURA 2: Imagem do documentário "Sal da Terra" de Win Wenders sobre o projeto Gênesis

Fonte: Leila Salgado/Amazonas/Sony Pictures Classics [s.d.]

Os sentidos que o público da exposição constrói é o interesse do autor. Induzir seu espectador a interpretar as mudanças que reconhece nas fotos a partir de um lago repleto de jacarés no Pantanal, região Centro-Oeste do Brasil que, apesar de apresentar cerca de 10 milhões de espécimes, o animal foi considerado espécie ameaçada devido à caça predatória no Mato Grosso, região de Porto Jofre (SALGADO, 2013, p. 26, apêndice).

FIGURA 3: Jacaré-do-pantanal, *Caiman yacare* – Mato Grosso, região de Porto Jofre Brasil (SALGADO, 2013, apêndice, p. 26).



Fonte: Sebastião Salgado (2013, p. 434/435)

Com base nesta imagem, o autor pretende despertar o expectador a se perguntar por quê? Para quê? Qual a consequência da extinção desses animais? Ou ao retratar uma tribo indígena e seus hábitos culturais como as mulheres mursi e surma, que são "as últimas mulheres do mundo a usar discos para estender os lábios" (SALGADO, 2013, p. 20, apêndice) (figura 4), qual o significado desta prática? Acredita-se que mulheres de castas mais elevadas têm esse costume visando à proteção contra traficantes de escravos.

FIGURA 4: Mulheres mursi e surma – Parque Nacional Mago, Etiópia (SALGADO, 2013, apêndice, p. 30)

Fonte: Sebastião Salgado (2013, p. 309)

Mesmo quando interfere no ambiente para obter o quadro preciso do que pretende demonstrar, o fotógrafo ressalta os costumes e o uso de parâmentos que definem o homem e a mulher da Nova Guiné, nesse caso, o ornamento a identifica em idade para se casar (SALGADO, 2013, p. 10, apêndice). Durante as cerimônias Yali, os homens são isolados das mulheres (figura 5). Os homens vivem em cabanas comunitárias (honai), enquanto as mulheres vivem em suas próprias casas na Papua Ocidental. Eles passam boa parte do tempo caçando animais para consumo imediato, elas brincam com as crianças. Essa prática demonstra a separação de trabalho entre os sexos e retoma a discussão acerca da igualdade de gênero, presente até os dias atuais.

FIGURA 5: Mulheres Yali não cobrem os seios, mas usam saias feitas com plantas (SALGADO, 2013, apêndice, p. 9)

Fonte: Sebastião Salgado (2013, p. 145)

Ainda em tribos na Papua Ocidental, os *Korowai*, conhecidos em inglês por *Stone (age)*, foram fotografadas ferramentas de pedra, facas de osso, martelos de madeira, demonstrando o uso dos recursos naturais não apenas na alimentação, mas também na defesa dos indivíduos e na caça (SALGADO, 2013, p. 8, apêndice).

FIGURA 6: *Korowai*, povo conhecido em inglês por Stone (age) (SALGADO, 2013, apêndice, p.8).

Fonte: Sebastião Salgado (2013, p. 137)

Ao mesmo tempo em que registra com sua câmera os indivíduos e seu ambiente, Sebastião Salgado procura compor a imagem registrando um grande número de informações. Assim, quando fotografa uma tribo, enquadra ao mesmo tempo, hábitos culturais, alimentares, formas de viver em harmonia com o ambiente. Evidencia assim, o descompasso do desenvolvimento que não leva em conta a sustentabilidade, a capacidade de uso e regeneração dos recursos da natureza.

A medida que são congelados em imagens instantes distintos dos dias de hoje, em que a tecnologia domina os modos de vida da sociedade sem impor limites do uso de matéria prima, exaurindo o meio ambiente, é possível constatar as diferentes formas de vida e de integração homem e natureza, ao longo do tempo. As imagens talvez possam ter a capacidade de envolver emocionalmente o público que, uma vez tocado pela imagem, visualize o quão próximo e envolvidos estão das questões ambientais. Ao mesmo tempo em que agem nesse sistema, sofrem a reação deste mesmo sistema assim, é reconhecível a necessidade de proteção desse ambiente do qual depende a vida.

A mesma sensação se dá ao observar a perfeita interação entre os animais e o ambiente ou, entre o homem os animais e o ambiente. O congelamento da imagem no instante do clique traz não apenas a preocupação do autor, mas aquilo que afetou o observador e o fez parar e observar aquele momento. As discussões que afloram no visitante no percurso da exposição

vão ao encontro da expectativa do fotógrafo quando expressa o desejo de que o público reconheça os problemas ambientais a que o planeta está submetido a partir das fotos. Vislumbra assim o autor, uma tomada de consciência, uma possibilidade de instigar seu público a debater acerca da imagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição Gênesis apresentou no Museu do Meio Ambiente a intenção de seu autor em divulgar os cantos longínquos do planeta que ainda sobrevivem em sua mais simples harmonia. No entanto, como as imagens são apresentadas em seu próprio contexto, isto é, em sua essência, sem interpretações externas, que se configuram nas etiquetas sem muitas informações, a participação do público suas próprias questões, traz a realidade de cada um, suas preocupações, recriando e ressignificando as múltiplas construções provocadas pelo envolvimento entre o clique do fotógrafo e o olhar do espectador recriando, dessa forma, diferentes interpretações sobre as imagens apresentadas, nas quais cada um constrói seu cenário e os agentes a partir de suas próprias considerações.

Desta forma, devolve-se a imagem novos significados, expressos nas considerações daqueles que observam reconfigurando contextos particularizados e personificados na interpretação individual daqueles que visitaram a exposição.

Gênesis gerou, além da visita à exposição, o atendimento de escolas e grupos, que participaram das atividades do Programa Educativo do Museu, entre elas a Câmara Montante e Câmara Monstro atendendo a um total de 9.884 pessoas. Esse público teve acesso às imagens de Salgado de diversas formas diferentes e puderam discutir entre eles, as formas de apreensão proporcionadas pelo clique do fotógrafo, conferindo ao Museu a unidade necessária para trabalhar o tema meio ambiente e fotografia de forma criativa, explorando as vertentes do tempo e do espaço e, como dito anteriormente, deixando aflorar, ao mesmo tempo, as nuances do passado, as mudanças do presente e as novas tendências de futuro.

Gênesis foi uma experiência que comprova a eficiência do uso da fotografia como uma ferramenta de divulgação científica, no que se refere aos temas ambientais, uma vez que foi capaz de atrair 84.927 pessoas ao Museu do Meio Ambiente, no período de maio a agosto de 2013, e provocar diversas discussões sobre a proteção de áreas ainda pouco exploradas, culturas milenares que percorrem gerações e, a necessidade de se preservar a base dos recursos naturais, ambientes frágeis que sofrem na medida em que são agredidos sem critérios, provocando tragédias ambientais e, muitas vezes sociais, sem precedentes.

REFERÊNCIAS

BOKOVA, Irina. Mensagem da UNESCO. In: SALGADO, Sebastião. **Gênesis**. Alemanha: Taschen, 2013

COTT, Jonathan. Sebastião Salgado, The Rolling Stone Interview, **Rolling Stone**, n. 12-26, p. 619-620, dec. 1991.

CROIZIER C.; GOFFIN L. Les relations entre éducation et formation en environnement: un champ de recherche. In: EDUCATION relative à l'environnement, regards, recherches, réflexions,v.1, Luxembourg: Fondation Universitaire Luxembourgeoise, 1998-1999.

DAVALLON, J. ; GRANDMONT, Gerald ; SCHIELLE, Bernard. **L'environnement entre au Musée**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1992. (Collection Muséologies)

DORFMAN, Eric; CARDING, Janet. Towards a unified concept of intangible natural heritage. In: INTANGIBLE natural heritage: new perspectives on natural objects. London: Routledge, 2011.

FORTIN-DEBART, Cécile. **Contribution à l"étude du partenariat école - musée pour une éducation relative à l'environnement**: tendances et perspectives de la médiation muséale pour une approche critique des réalités environnementales. 2003. Thèse (Doctorat)-Muséum National D'Histoire naturelle, Paris, 2003.

GIRAULT; Yves; DÉBART, Cécile. Le musée forum, un difficile consensus: l'exemple du MuséumNational d'Histoire Naturelle. **Quaderni**. n. 46, Hiver 2001-2002. La Science dans la cité. p. 147-162

GOLD, Steven J. Sebastiao Salgado and Visual Sociology. **Sociological Forum**, v. 26, n. 2, June 2011.

KOSELLECK, Espaço de experiência e Horizonte de expectativa. In: FUTURO passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LIMA, Carlos. Relato Câmara Montro e Montante. Documento Museu do Meio Ambiente. Fevereiro de 2015.

MAIA, Ravena Sena. **Paisagem na fotografia documental contemporânea**: tendências estéticas na obra "Paisagem submersa". 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2013.

MAIRESSE, François. O museu inclusivo e a museologia mundializada. In: SCHEINER, T.; GRANATO, M. (Orgs). UNIRIO; MAST; Museu Imperial. (Org.). In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA - MUSEOLOGIA, PATRIMÔNIO, INTERCULTURALIDADE: MUSEUS INCLUSIVOS, DESENVOLVIMENTO E DIÁLOGO INTERCULTURAL-SIAM, 4.,, 2012.. Rio de Janeiro: MAST, PPG-PMUS, 2013. v. 2, p. 35-52.

MALLET, B. J. Sebastião Salgado, One second split into 250 images. Entrevista por Brian J. Mallet, **Art Nexus**, 29, p. 77, Aug./Oct. 1998.

MRAZ, John. Sebastião Salgado. Ways of Seeing Latin America. **Third Text**, v. 16, n. 1, , p.15-30, 2002.

MRAZ, John. What's documentary about photography?: From directed to digital photojournalism. ZoneZero, **Magazine**, january 2003. Disponível em: <http://v1.zonezero.com/magazine/articles/mraz/mraz01.html>. Acesso em: 27 jul. 2015.

RUDEL, Thomas K. Images, ideology, and praxis in the environmental movement: Sebastião Salgado's gênesis project, **Sociological Forum,** v. 26, n. 2, p. 431–437, 2011.

SALGADO, Sebastião. **Gênesis**. Alemanha: Taschen, 2013

SASSEN, Saskia. Black and white photography as theorizing: seeing what the eye cannot See, **Sociological Forum**, v. 26, n. 2, p. 438-443, 2011.

SAUVÉ, Lucie. **Pour une éducation relative à l'environnement**. Montréal: Guérin, 1997.

SAUVÉ, Lucie. **L'éducation relative à l'environnement**: possibilités et contraintes. Connexion, Bulletin international de l'enseignement scientifique et technologique et de l'éducation environnementale de l'Unesco, v.XXVII, n.1-2, Paris, 2003, Unesco, p.1-4.

SINGER, Audrey, Behind the Lens: The Social Photography of Sebastião Salgado**, Contexts**, August 2010.